

A woman with long, wavy blonde hair, wearing a white, strapless, sequined dress and large, ornate earrings, is smiling and looking towards the right. She is leaning against a man in a dark suit who is partially visible on the right side of the frame. The background is dark and out of focus.

Annie BS
E-CONTO

POR ESTA
noite,
CINDERELLA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



**POR ESTA
NOITE,
CINDERELLA**

**POR ESTA NOITE,
CINDERELLA**

(conto)

Annie BS

Edição digital

2014

Copyright © por Annie BS

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste conto

pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes

sem autorização por escrito da autora.

revisão: Bárbara Ellem

diagramação: Annie BS

capa: Annie BS

imagem de capa: Petr Kratochvil



Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

*Obrigada pela confiança, meu querido
leitor.*

Este conto é dedicado a você!

Capítulo UM



Cindy não se lembrava da última vez em que fora convidada para alguma festa ou qualquer comemoração. No entanto, ali estava ela, com a cara pálida de sempre, em frente a um longo espelho, encarando o próprio reflexo com desdém. Ouvia os passos de Abigail em direção ao quarto, mas ignorava os sons, tentando recordar o porquê de estar sentada à espera da tortura — deixar que a madrasta

fizesse um penteado em seu cabelo e uma maquiagem que a deixasse... bonita, talvez.

Alyssa Callaway era uma garota especial em Taunton; Elas estudaram juntas na escola primária e se afastaram no segundo grau. Como filha do prefeito, Alyssa merecia uma comemoração digna, de acordo com condição social de sua família. Surgiram boatos de que a festa teria a presença da imprensa e de pessoas da elite londrina. Exatamente por causa disso, Cindy sentia-se tão insegura em ir àquele aniversário. No entanto, Hudson, seu pai, estava acamado após sofrer um acidente de carro. Não fora nada grave, mas ele necessitava de alguns cuidados.

— Em que lugar você escondeu aquela caixinha de maquiagem que eu te dei no verão passado, Cindy? — perguntou Abigail, sua madrasta, ao entrar no quarto e fechar a porta atrás de si.

Cindy se assustou com a chegada inesperada da nova esposa do pai.

— Eu não escondi. — respondeu baixando os olhos, para que Abigail não pudesse ver a mentira em seu azul.

— Você está mentindo, Cindy! — acusou Abigail. — Mas não importa, busquei no meu próprio estoque de maquiagem alguns pincéis.

— Eu não gosto de maquiagem, Gail.

— Pois deveria gostar! — ela contestou. — Não sabe o quanto fica linda somente com um batom.

Cindy não rebateu; sabia que não adiantaria. Abigail nunca a deixaria ir a uma festa sem nenhuma maquiagem para destacar a sua beleza. Por isso, manteve a postura ereta enquanto a esposa de Hudson trabalhava com a destreza de um profissional em suas faces.

Abigail Sullivan era uma mulher de trinta e cinco anos — onze anos mais jovem do que Hudson. Ela não era rechonchuda, tampouco chegava a ser magra. Tinha o peso ideal para qualquer

cidadão que não estivesse sob os holofotes de Hollywood. Vaidosa por natureza, não aceitava o fato de que Cindy não compartilhasse do mesmo amor por maquiagens e produtos beleza.

— Como o papai está? — perguntou Cindy, aproveitando que Abigail espalhava a sombra em suas pálpebras.

— Levei uma sopa para ele. Quando eu saí do quarto, o seu pai já estava dormindo.

— Se nem acordado Hudson está, então eu não preciso ir à festa, certo?

— Não seja teimosa, Cindy! Você vai se divertir.

— Mas eu estarei sozinha...

— Não vá por este caminho, meu anjo. Allie ficará por dois anos em Amsterdã. E em breve você irá para Londres.

Cindy ficou em silêncio.

— Abra os olhos. — pediu Abigail.

Ela os abriu, fitando o largo sorriso nos lábios da madrasta.

— Agora será preciso aplicar um pouco de *blush* para que você fique pronta.

Abigail era quem havia escolhido o vestido a ser usado naquela

ocasião. Era perfeito: de chifon, com detalhes de paetês abaixo dos seios e bordados de cristais no decote. O sapato era de salto, o que significava desconforto, acostumada com galochas e sapatilhas.

— Você está linda, Cindy! — Sua madrasta a beijou delicadamente na bochecha, e esperou, juntamente com Cindy, a chegada do carro que a levaria à casa de campo do prefeito, em West Buckland, onde seria realizado o aniversário de Alyssa.

— Obrigada, Gail. É uma pena que você não...

— Divirta-se! — apertou gentilmente uma de suas mãos, como a dar

forças à menina assustada.

Quando a madrasta afastou a mão da sua, ela esfregou os dedos em busca de controlar aquele nervosismo que a fazia sentir borboletas dançando no estômago e uma sensação de bolo no fundo da garganta. Por pouco não apanhara as bordas do vestido e subira apressadamente os degraus da escada para se trancar no quarto até o dia de sua partida a Londres, onde começaria uma nova etapa de sua vida na universidade de Queen Mary.

— E fique calma que vai dar tudo certo, está bem, Cindy?

Ela inspirou oxigênio para dentro dos pulmões e expirou pela boca.

— Eu estarei sozinha em meio a *milhares* de pessoas desconhecidas, Gail, e você ainda me pede para ficar calma?

Abigail sorriu.

— Você e Alyssa eram amigas!
— ela lembrou.

— No primário! — Cindy expirou o ar preso pela boca. — E isso não tem mais importância, porque nós perdemos o contato. Acho que ela nem se lembra de mim.

— Claro que se lembra! — Abigail a interrompeu.

— Faz tanto tempo, Gail... — revirou os olhos, mordendo o lábio em

seguida.

Seu paladar foi invadido rapidamente pelo gosto de morango do gloss labial, e Cindy passou a língua mais uma vez no lábio inferior.

— Não estrague a maquiagem!
— Abigail a censurou.

— Quanto tempo falta para este carro chegar? — Ela olhou em volta, em busca de algum barulho de motor, mas encontrou apenas o silêncio daquela noite estrelada em Taunton.

— Ele deveria ter chegado há dez minutos.

— Talvez, ele nem venha. —

desejou, com esperança de não mais precisar ir à festa.

— Acho que está enganada. — Abigail sorriu novamente, zombando da expressão no rosto de Cindy ao ver o carro estacionar em frente à casa e buzinar uma vez.

— Boa festa! — Abigail gritou sobre o ombro. — E chegue antes de meia-noite, *Cinderela!*

Cindy murmurou uma afirmação, seguindo até o carro que a esperava. Cumprimentou com um “boa-noite” o motorista, que conduziria o carro até a cidade vizinha. West Buckland ficava a apenas onze minutos de distância, e era um pequeno vilarejo com uma população

de doze mil habitantes; as casas, em sua maioria, no estilo bangalô.

Em pouco tempo, o carro estacionou em frente a um palacete — que, contrariando o estilo das demais residências simples, parecia um castelo, com longas torres, estátuas de pedra e uma escada que dava para a entrada principal. As luzes estavam todas acesas e algumas pessoas dançavam no gramado frontal da casa, com cervejas e outras bebidas alcoólicas nas mãos.

— A senhorita Callaway pediu que eu te entregasse isto, senhorita Bolger.

O motorista se inclinou para alcançar uma caixa de presente no banco do passageiro. De tamanho médio, estava

embrulhada em um papel dourado.
Entregou-a para Cindy.

— Obrigada. — franziu o cenho,
pois não sabia como o motorista se
chamava.

— Chang, senhorita.

Cindy sorriu.

— Obrigada, Sr. Chang.

Colocando a caixa sobre as
pernas, ela viu um papel amarelo escrito
em uma caligrafia muito bonita e familiar:

*Para Cindie, minha querida
amiga.*

Não sei se esta máscara está do

seu agrado...

*Caso não goste ou não sirva,
peça ao “Jackie Chan” para
providenciar outra.*

*P.S: Não diga ao Chang (este é
o verdadeiro nome dele), que eu o
chamei de Jackie Chan, pois ele odeia!*

*Estou muito feliz por você vir
ao meu aniversário, Cindie! Precisamos
colocar o assunto de taaaaantos anos em
dia.*

*Beijinhos,
Aly Callaway*

Cindy sentiu-se um pouco
esperançosa ao ver que Alyssa ainda se
lembrava do apelido de infância; talvez

não estivesse tudo perdido, realmente. Desfazendo o laço que mantinha a caixa fechada e retirando a tampa, ela a viu. Era uma máscara muito bonita, com detalhes em rosa claro e algumas pedrinhas nas bordas. *Era como se Alyssa soubesse a cor de seu vestido.* Ainda mais: como se soubesse que Cindy detestava máscaras com todas aquelas plumas espalhafatosas. Era simples, mas, ao mesmo tempo, sofisticada e um pouco sensual. Prendendo-a ao rosto, o adereço deixava apenas os lábios e olhos livres através da fenda. Percebendo a dúvida da moça e conhecedor de como as mulheres gostavam de contemplar a beleza por meio de um espelho, estendeu um pequeno cristal à Cindy.

— Obrigada, Sr. Chang.

Estava bonita. E ajudava o fato de o seu penteado não ser muito detalhado, apenas uma trança no estilo “escama de peixes”. O Sr. Chang saiu do carro antes de Cindy, para abrir a porta e ajudá-la a descer em grande estilo.

Inspirando todo o oxigênio que podia conseguir em alguns segundos, ela caminhou até a entrada da mansão, onde soube que a festa estava acontecendo em um dos salões. Por dentro, a arquitetura medieval ainda era preservada, e Cindy especulou mentalmente quantos milhões de libras haviam sido gastos naquele palacete. Ela subiu alguns lances de escadas e viu que adolescentes

completamente bêbados — amigos de Alyssa —, compunham o cenário, em poucos minutos após o início da festa.

O interior do salão estava ainda mais apinhado. Naquele momento, “Stereo Love”, de Edward Maya e Vika Jigulina, tocava, atraindo os adolescentes ao centro da pista de dança. Os mais contidos — aqueles com mais de trinta anos —, estavam acomodados ao fundo do salão, desfrutando de alguma conversa sobre o assunto que os agradava.

Enquanto estavam todos dançando, ela se apoiou em um dos pilares, aguardando o momento em que o centro estivesse novamente vazio para que pudesse circular sem correr o risco de

receber uma cotovelada ou esbarrar em algum rapaz alcoolizado.

Ao contrário dos boatos que circulavam em Taunton uma semana antes do aniversário, Julie Andrews, Ben Barnes, Orlando Bloom e Daniel Craig não foram convidados. No entanto, a presença de mulheres com seus vestidos luxuosos e brilhosos diamantes em seus brincos e colares não podia ser deixada de lado. O fato era que, mesmo sem a presença dos famosos, a elite londrina estava presente, o que deixava Cindy Bolger terrivelmente assustada.

— Ei! Desculpe-me, minha linda. — um garoto, com idade entre dezessete e vinte anos, se desculpou por

derrubar algumas gotas de cerveja em seu belo vestido rosa-pálido.

— Não tem problema... — murmurou, analisando o estrago na seda. Não estava tão ruim, mas o que a enjoava era justamente o cheiro da bebida.

— Sinto muito por isso. Não por deixá-la molhada, é claro, você me entende. — murmurou em seu ouvido com a voz embargada, típica de um bêbado, e desapareceu.

Cindy precisava encontrar o banheiro com urgência para tentar apagar a mancha do vestido, pois não havia pagado tão cara na peça para dispensá-la após o primeiro uso. Juntou todas as suas forças para se embrenhar em meio à multidão – era como ter sete anos novamente, na aula de natação da escola, não sabendo nem mesmo boiar na água. Ela prendia a respiração, mexia um pouco o braço, curvava o corpo para frente e, mesmo com o pé apoiado no fundo da piscina, fingia estar nadando.

Esbarrou em uma mulher com cachos louros e um vestido vermelho-sangue. A culpa não era sua, afinal. O salão estava tão apinhado que até mesmo mexer os braços se tornava uma tarefa

quase impossível.

Ao parar próximo ao balcão em que estavam sendo servidas as bebidas, ela encontrou um espaço calmo para ficar até que chegasse às onze horas da noite, momento em que poderia alegar sonolência acompanhada da necessidade de acordar cedo na manhã seguinte.

— Boa noite. Uma água tônica, por favor. — disse Cindy ao rapaz do bar.

No meio daquele alvoroço, não conseguira encontrar a aniversariante. Estava quase se sentindo culpada, mas a água estendida em sua direção merecia um pouco de atenção. Naquele momento, todo o salão ficou escuro e Cindy pensou se tratar de alguma queda de energia, mas os

sons continuavam ligados. Notou apenas que houve um alvoroço próximo ao palco, ao qual não deu importância.

Quando seguia para a fachada da casa, a fim de tomar um pouco de ar fresco, pisou no pé de alguém. Passou a segurar as laterais do vestido, para não tropeçar em mais ninguém, como se fosse possível, naquela penumbra. Ouvir as palavras cruéis da pessoa na qual esbarrou sem querer deixou-a completamente mortificada.

— Ai! — protestou ao bater contra algo rígido.

Era um homem de smoking preto e gravata borboleta, na cor branca. Ela podia vê-lo por meio da luz da lua, que

entrava pelas janelas que começavam a ser abertas.

Ele era alto, muito mais alto do que ela, talvez 1,80m ou mais. Assim como ela, usava uma máscara, escura como suas vestes. Conseguiu vislumbrar apenas que os olhos dele eram de um incrível tom verde e os lábios, rosados e cheios, estavam livres para a sua avaliação.

— Desculpe-me — disse gentilmente, segurando o ombro dela, impedindo-a de cair. — Sabe me informar onde fica o banheiro masculino?

Os batimentos cardíacos de Cindy estavam, aos poucos, voltando ao normal. Mas, ainda arfante, ela conseguiu

apontar para o outro lado do salão.

— Obrigado. — murmurou ele.

Como que por encanto, ele também desapareceu, o que deixou Cindy desapontada. Naquelas horas tediosas na festa, ele fora a única pessoa com quem trocara mais de cinco palavras. E seria conveniente ter alguém para conversar...

Capítulo DOIS



Cindy desistiu de limpar a mancha no vestido, pois já estava quase seca. Voltou ao balcão do bar, sentando-se num banco alto no canto, espremida contra uma parede. A garrafa de água que

solicitara minutos antes estava vazia, e ela se viu fazendo o pedido de mais uma ao *barman*.

A aura no ambiente mudou e ela, imediatamente, suspeitou de que a escuridão fosse proposital. A música que agora tocava era mais ousada, e as danças, sensuais. Imediatamente, Cindy sentiu uma pessoa se aproximar por trás de si, tocando delicadamente o seu ombro nu. Uma mão grande e quente começou a massageá-la.

— Uma moça tão bonita quanto você não deveria estar sozinha... — falou o homem. Aquela voz soou um pouco familiar.

O *estranho* soltou o ombro

rígido de Cindy, que relaxou automaticamente quando ele se distanciou, todavia, ele logo se acomodou no assento vazio ao seu lado.

— Acompanha-me em uma bebida? — perguntou ele, com uma voz rouca.

Cindy estremeceu dos pés à cabeça ao ouvir aquela pergunta.

— Não, obrigada. — respondeu, pegando a garrafinha de água e mostrando-a ao estranho.

— Está bebendo apenas água? — retrucou, confuso com a escolha de Cindy.

— Exatamente.

Cindy rodou a tampinha da garrafa e pôs o gargalo ao redor dos lábios macios. Aquela, de longe, havia sido a cena mais sensual que Nathan Miller presenciara naquela festa de adolescentes.

Nathan não estava ali por vontade própria. Por sua vontade, continuaria no sossego de sua casa, bebendo algum vinho enquanto fitava a lareira. No entanto, o prefeito da cidade, George Callaway, um velho conhecido, o convidou para o festejo do décimo oitavo aniversário de sua filha Alyssa. O convite a ele se devia ao fato de ter sido colega de quarto por dois anos de Joshua, o filho

mais velho do prefeito, enquanto cursavam a faculdade.

— Posso saber o motivo da escolha?

— É preciso um motivo específico para as pessoas escolherem beber água?

— Em uma festa, sim.

— Eu não bebo. — respondeu contrariada, engolindo o restante do conteúdo da garrafa.

Esquecendo-se um pouco da presença do homem, Cindy concentrou-se na música *Only Girl*, da Rihanna.

— Não é comum encontrar,

ainda mais em festas, garotas que dispensam uma bebida.

— E quem disse que eu dispenso uma bebida? — provocou.

— Mas você disse...

— Você não especificou a bebida. Se você me oferecesse um refrigerante, poderia até pensar em aceitar ou não.

— Então é um desafio?!

Ela sorriu.

— Mas é claro que não! — respondeu, incentivada pela batida da música. — Eu não ousaria desafiar um estranho.

Cindy levantou-se do assento para descartar a garrafinha de plástico na lixeira mais próxima. Quando se virou para retornar ao seu lugar, viu que ele a seguia com os olhos. Estava convicta de que o estranho não voltaria a dirigir uma palavra sequer a ela. E assim foi por, no máximo, dez minutos.

A música novamente foi trocada e agora tocava uma que ela não conhecia o nome, tampouco o *rapper* que cantava.

— Tem certeza de que não quer uma bebida? Conheço uma em que o teor de álcool é bem...

— Já te disse que não bebo. — cortou a frase. — Mesmo assim, obrigada pela gentileza.

— Não vou insistir. —
prometeu.

O olhar de Nathan vagou pelos adolescentes felizes que dançavam no centro da pista e para as pessoas que, assim como ele, próximas ou acima dos trinta anos, apenas observavam a alegria dos jovens.

— Vem comigo? — ele disse, após alguns minutos em silêncio.

Cindy piscou três vezes até entender o que ele havia lhe proposto.

Não era uma boa ideia. Ele era um desconhecido. Se quisesse, poderia machucá-la. Tamanho e força ele tinha.

— Lá fora está uma noite agradável. — explicou. — Ao menos, dá para respirar um ar menos poluído.

Mesmo que ele estivesse certo, Cindy, ainda assim, hesitou.

Ela iria negar, o *estranho* percebeu. Não a incriminaria, contudo. Era o que teria aconselhado a sua irmã mais nova, se tivesse uma - entre ele e a irmã, era o mais jovem e nunca obedecera aos avisos de Ashley. Eles haviam se conhecido há poucos minutos; trocaram algumas palavras e, agora, lá estava ele, convidando-a para passearem, sozinhos, pela propriedade de George. Se o palacete continuasse como doze anos atrás, um belíssimo lago artificial estava a

alguns metros da casa.

Então, despreocupadamente, ele se levantou. Aproximou-se dela e, com um sorriso, segurou-a pela cintura e estendeu a mão em sua direção.

A noite estava realmente agradável, como dissera Nathan. Eles seguiram em direção aos fundos da casa, percebendo que, quanto mais se distanciavam, mais baixas as canções ecoavam. A estrada pela qual caminhavam parecia uma trilha: era estreita e um caminho de pedrinhas separava a grama do outro lado. O céu estava estrelado.

— Então... — começou o estranho, tentando preencher o silêncio.
— Por que estava sozinha?

— Meu pai sofreu um acidente de carro. — explicou. — Ele está bem, mas não pode andar por muito tempo sem reclamar de dores. Então estou em seu lugar, representando a família.

— Você não me pareceu muito familiarizada com a festa. Se me permite dizer, parecia perdida.

— É como alguém se sente estando em um lugar desconhecido, com pessoas igualmente estranhas e, o pior de tudo: sem querer estar lá.

— Mas você está. — apontou.

— Por causa do meu pai. — justificou-se. — Ele estaria aqui, cumprimentaria o Sr. Callaway e daria os

parabéns a Alyssa.

— Você poderia ter recusado.
Ficado em casa.

— Não é tão simples quanto parece. — suspirou Cindy.

— Muito altruísta, o seu ato.

— E está sendo tão péssimo ficar aqui! — Cindy se queixou, gesticulando com as mãos. Enrubesceu ao perceber o franzir de sobrancelhas do estranho, que indagou:

— *Está?!*

— Estava. — consertou. —
Desculpe-me.

Ele não disse nada em resposta; ao contrário, optou por admirar a Lua.

— Eu queria ter encontrado Alyssa, nós estudamos juntas no primário.

— Não conseguiu encontrar a sua amiga?

Cindy riu.

— Digamos que não sejamos mais amigas. Não como quando éramos duas crianças de cinco e seis anos. Nós crescemos e mudamos. Então, acabamos descobrindo que não gostamos das mesmas coisas e nos afastamos.

— Nem mesmo um torpedo ou e-mail?

— Alyssa chegou a enviar um torpedo para mim, creio que foi o último, em meu aniversário de dezessete anos. Estar aqui é como o pagamento de uma dívida, também.

— E o que ocorreu nessa ocasião da mensagem, para que vocês se afastassem?

O estranho que caminhava a seu lado era um homem muito curioso! Ele parecia aquelas senhoras que tricotam na varanda de suas casas discutindo a vida alheia com uma amiga!

— Ela queria que fôssemos comemorar o meu aniversário em um *pub*

de Londres. Mas, é claro, eu não aceitei. Inventei uma... — limpou a garganta — dor de cabeça.

— Você não gosta de festas. — O estranho concluiu.

— Não gosto. E, com a minha recusa, ela não me ligou mais.

— Talvez seja algo inevitável. — disse ele. Cindy o encarou, sentindo-se confusa. — Digo por experiência própria. Também perdi alguns amigos entre o colegial e a faculdade.

— Mas você é diferente! — Cindy foi tomada pela curiosidade para saber o nome do homem que a guiava pelo campo a um destino desconhecido. — Ao

menos gosta de bebidas!

Por que tudo nele precisava ser misterioso? Seu rosto. Seu nome. O lugar para onde a levava... tudo.

— E você acha que beber é uma coisa boa? Algo a se gloriar?

— Não. O que ocorre é que... — parou no meio do caminho, ficando frente a frente com o estranho.— Beber torna a pessoa mais sociável. É fácil encontrar uma pessoa que beba, mesmo que socialmente. O raro é encontrar alguém que beba apenas água em uma festa para adolescentes.

— Você não deve se envergonhar por beber apenas água —

interrompeu.

— E não me envergonho. —
murmurou. — Deixe-me concluir, por
favor.

Ele assentiu.

— Responda-me você, então:
Em uma interação entre amigos, as
relações interpessoais não se
desenvolvem com maior naturalidade
quando todos os presentes cultivam os
mesmos gostos?

— Está querendo contrariar a
Lei da Física que cita a atração entre
opostos?

— Primeiro: não estamos

conversando sobre física. Segundo: quero a resposta!

— É relativo. — coçou a nuca.
— Vou dar um exemplo bem prático: eu e mais cinco amigos sairíamos para beber, encher a cara em um *pub* até nenhum de nós se lembrar do próprio nome.

— A volta para casa seria um desastre! — concluiu Cindy.

— Exatamente. Algum de nós teria de ser intolerante a álcool, concorda comigo?

— Não concordo, mas também não discordo.

— É o seu último argumento?

— Ainda não conclui.
Continuando: uma pessoa que não bebe, em meio a muitas outras que adoram cerveja, se sente como um peixe fora d'água.

— Como você.

— Como eu.

O estranho sorriu; seus dentes eram perfeitos.

— Você é muito inteligente.

A vontade de saber o nome de sua dama aumentava a cada minuto, mas era de sua sabedoria que não poderia deixá-la saber o seu nome, tampouco tomar conhecimento do nome dela. Já era

um erro se aproximar da moça naquela festa quando tinha um compromisso em Londres.

— Você não é de Taunton. — afirmou Cindy, mudando de assunto.

— Não sou. — confirmou. — Como descobriu?

— O seu sotaque. Você não tem o sotaque do sudoeste — analisou Cindy. — De onde você é? Aliás, não diga. Deixe-me adivinhar!

— Fique à vontade!

Ela se lançou para frente, a fim de se aproximar do desconhecido. Inclinou a cabeça para o lado, analisando-

o com os olhos em duas fendas.

— Bem... Acho que você é da Escócia. Pelo que papai me conta, os escoceses são pessoas educadas, e você é educado. Mas sei também que eles são uns beberrões.

— É uma pena ter que desapontá-la, minha querida — disse ele, usando seu tom mais gentil. — Mas está errada.

O largo sorriso de Cindy se desmanchou.

— Estou?!

— Completamente.

— Em quê eu errei? Sobre os

escoceses serem educados e beberrões, ou sobre você ser um deles?

— Tente adivinhar. —
respondeu, piscando um olho para Cindy.

Novamente analisando o homem a sua frente, ou o pouco que podia contemplar dele com a escuridão, concluiu que ele era, sim, um homem educado e gentil; mas não havia nenhum traço escocês nele. Talvez estivesse errada.

— Então nada de Escócia?

— Nada.

— Que tal País de Gales?

— Está errada mais uma vez,

minha querida.

— Quem sabe... Londres?! Sim, Londres! Você se parece com alguém da capital. Ainda não tive a oportunidade de conhecer Londres, mas meu pai sempre está por lá e me contou que vocês, londrinos, passam a vida dentro de um *pub* com uma *pint* na mão! Então, eu acertei?

Nathan não podia revelar que sim, ela estava certa. Era um cidadão de Londres.

— Talvez — deu de ombros, evitando olhar por mais de dois segundos para Cindy, a fim de não ver a decepção em seus olhos.

— O que você acabou de fazer? Você me enganou! — disse Cindy, com os lábios trêmulos.

— Eu nunca disse que confirmaria, caso você acertasse. Posso ser um cidadão da Escócia, País de Gales, Londres ou até mesmo de Taunton. Decida o que a faz feliz!

— Você não é mais legal, *senhor Desconhecido!* — Cindy cruzou os braços, magoada por ter sido enganada tão facilmente.

O vestido sem alças, de repente, tornou-se uma péssima escolha. Ali, ao ar livre, ela estava vulnerável à friagem típica do final da estação. Seus ombros tremeram com o frio, e seus pelos se

arrepriaram quando a brisa soprou justamente onde ela estava. Percebendo o estado de sua dama, Nathan tirou o paletó e o posicionou sobre os ombros dela, numa tentativa compensar a mágoa que infligida.

— Vai protegê-la do frio. — disse ele. Ela hesitou por alguns segundos, encarando a peça.

— Se eu aceitar será você quem irá morrer de frio.

O Estranho revirou os olhos.

— Não sou uma “mulherzinha”!

Cindy, por fim, aceitou o casaco, tendo seu nariz preenchido pelo cheiro

dele. Se Nathan não a estivesse encarando enquanto vestia o paletó, teria afundado as narinas no tecido para sentir mais aquele perfume.

— Obrigada. — murmurou.

— Você me chamou de “senhor Desconhecido”. Por quê? — inquiriu, com a testa franzida.

— Eu não sei o seu nome, se esqueceu?

— Mas sou eu quem quer saber o seu, minha querida.

— Até poderia pensar na possibilidade de revelar o meu nome, mas, decidi que você não é alguém

confiável.

— O meu nome é N.

— N.? — Cindy murmurou, confusa.

— A inicial do meu nome — explicou. O estranho caminhou até ficar frente a frente com Cindy. Segurou seu queixo macio, fazendo com que ela o encarasse. *Queria tanto suspender a máscara e contemplar por inteiro o rosto daquela mulher!* Mas não podia.

— Você é uma mulher muito bonita, mesmo com a máscara. Mas, digamos que eu seja alguém muito complicado... Então, será melhor que continuemos a ignorar o nome um do

outro.

As palavras, combinadas àquele olhar, deixaram Cindy sem fôlego. Queria suspender a máscara daquele estranho e revelar o homem por detrás dela. Mas em razão da explicação anterior, sabia que ele nunca concordaria.

— O meu é C.

— Agora eu vou ficar imaginando todas as possibilidades de um nome com a inicial C! Você tem ideia do quão grande será o meu tormento no momento em que eu for embora?

— Provavelmente, você se esquecerá. — murmurou ela, enfeitiçada com os olhos verdes e brilhantes dele.

Ele estava tão perto! Se ficasse na ponta dos pés, poderia inclinar-se para juntar seus lábios aos dele.

— Será uma tarefa impossível, minha querida....— Os olhos dele estavam grudados nos lábios dela, mas sabia que era errado querer tanto beijar aquela boca delicada.

— Então será para nós dois. — contestou. — Não consigo me concentrar em mais nada que não seja lembrar-me de nomes cuja inicial é a letra N!

— Quais as suas opções, C.?

— As mais recentes? Nate, Niall, Nolan...

Ela disse, encarando o rosto dele, em busca de alguma reação.

— Quem sabe Nicolas?

— Não posso dizer se acertou ou não, se esqueceu? Os termos...

— Não conheço nenhum termo.

Delicadamente, Nathan fez uma gostosa carícia em seu queixo. Cindy fechou os olhos para sentir melhor o toque dele em sua pele e gravar permanentemente em sua memória a incrível sensação que ele provocava.

Nem que se passassem mil anos, ainda sentiria a pele queimar nos exatos locais em que os dedos dele tocaram-na

naquela noite. Com o uso da máscara, somente a testa, a boca e o queixo permaneciam a mostra. Aproveitando-se do fato, o estranho curvou-se para frente e depositou um cálido beijo em sua testa macia.

— Vamos. — Sugeriu, tomando a mão de sua dama, para guiá-la em meio à escuridão.

Ao chegarem ao lago artificial, Cindy ficou encantada com o que vira. Em uma parte tão escondida daquele jardim, uma belíssima estátua de granito estava ao centro, em meio a fonte da qual descia água em forma de espiral. A grama, aparada, completava o cenário. E, ainda, a visão esplêndida daquele palacete e de

suas luzes, mesmo a vários metros de distância.

— Não está mais agradável ficar aqui? — perguntou ele, com as mãos dentro dos bolsos da calça social.

— Muito mais! — assentiu.

Extasiados, se sentaram na grama, frente a frente. Palavras não precisavam ser ditas, pois as trocas de olhares tudo diziam. Nathan sabia que era errado desejar tão ardentemente aquela mulher praticamente desconhecida, mas estava certo de enlouqueceria se, muito em breve, não a tocasse.

Sentia-se como um adolescente - o que era cômico, ainda mais aos vinte e

nove anos de idade. Uma onda de curiosidade o atingiu e ele não conseguiu evitar a pergunta que deslizou tão facilmente de seus lábios:

— Qual é a sua idade?

Cindy enrubesceu por detrás da máscara e baixou o rosto. Mesmo com a face oculta pelo adereço, ela se sentia como se estivesse despida em frente a ele.

— Perguntar a idade de uma mulher não é muito educado, você sabia?

— Eu sei. — confirmou, aproximando-se dela para segurar suas mãos delicadas entre as suas. — Mas eu mereço saber ao menos a sua idade, uma vez que não posso ver o seu rosto ou

saber o seu nome.

— Diga-me primeiro a sua. —
devolveu Cindy.

— Vinte e nove. É a sua vez.

Cindy ficou aflita por ser dez anos mais jovem. Ao revelar a sua idade, será que ele fugiria? Ou ficaria e a beijaria como ela gostaria tanto que ele fizesse, e logo?

— Dezenove. Farei vinte em alguns meses.

O semblante de Nathan não se alterou, de forma que Cindy sentiu-se aliviada.

Os dedos dele brincaram com o

lacinho da máscara por um curto tempo; era tentador demais estar tão perto de um laço, sabendo que, se o desfizesse, poderia ver o rosto de C.

— As probabilidades de nos encontrarmos de novo são quase nulas, mas quero tanto beijá-la, C! Será péssimo retornarmos às nossas vidas normais, quando o dia raiar, sem que tenhamos apreciado os lábios um do outro... — os rostos estavam a poucos centímetros de distância —, É quase impossível me controlar neste momento. Eu preciso beijá-la!

Cindy tentou formular uma frase ao mesmo tempo em que, seus lábios, entreabertos, ansiavam pelo seu beijo.

Mais do que depressa, ele a beijou. O choque inicial. O reconhecimento. O desejo. A ternura. Muitos sentimentos se fizeram presentes enquanto ele saboreava, com incrível ternura, os lábios macios de C. Ela poderia se chamar Cinthia, Carla, Catherine ou qualquer outro nome. A única coisa que importava, naquele momento, era o fato de serem um só, de terem ultrapassado as barreiras. Nem a colisão das máscaras foi motivo de reclamação. E, mesmo que ele se arrependesse no dia seguinte por não ter resistido ao desejo, não poderia desistir de sua loucura. Tendo a noite fria, as estrelas, um largo artificial e uma estátua como testemunhas, desnudou sua dama e contemplou seu corpo. Sim,

definitivamente, ele iria amá-la.

Cindy, por sua vez, entregou-se a ele de corpo e alma, esperando que todos os sentimentos que afloraram em si fossem recíprocos. Sabia que, a partir daquela noite, depois de tantos momentos, nunca mais seria a mesma - Nunca mais.

Seu corpo estava cansado e satisfeito ao mesmo tempo. Ele a beijou na testa, com ambos ainda mascarados. Cindy deitou a cabeça no peito de Nathan e acabou adormecendo. Estava feito.

Capítulo TRÊS



Na manhã seguinte, quando os raios solares bateram em seu rosto, Cindy acordou desnorçada, até que os momentos da noite anterior invadiram a sua mente. Ao se sentar, verificou seu corpo e ficou feliz ao perceber que não estava nua.

Mas onde estava o Estranho?

Durante alguns minutos, esperou tolamente por seu retorno. Mas não poderia esperá-lo para sempre. As palavras dele vieram a sua mente com toda força: “...as probabilidades de nos encontrarmos de novo são quase nulas...” Pelo visto, ele já planejava desaparecer... Sentindo-se a ponto de chorar, ela recolheu um dos pés dos sapatos, jogado próximo à fonte, e correu de volta para o palacete. Os convidados de Alyssa, os adolescentes, estavam deitados no chão do salão, sujos sobre os próprios vômitos.

Procurou em meio àquelas pessoas a figura conhecida de Alyssa,

encontrando-a curvada sobre numa planta, vomitando.

— Aly?

A garota loira virou-se rapidamente em sua direção, cobrindo a boca com a mão.

— Cindie?! Ai, meu Deus, Cindie! Estou horrível, não me olhe, por favor!

Se não fosse a queimação em sua garganta, teria sorrido.

— Você é linda, Aly! — disse Cindy.

— Você está dizendo isso só para eu me sentir bem!

— É verdade! Verdade que você é linda, digo.

— Ah, Cindie! Onde você esteve ontem à noite?

Cindy não queria se lembrar da noite anterior.

— Aly, podemos conversar mais tarde? Acabei dormindo aqui... meus pais devem estar muito preocupados.

— Sim. Vou procurar por papai e ele encontrará o motorista que a trouxe. Espere um minuto, Cindie.

Cindy esperou pacientemente, mas não conseguiu evitar as lágrimas ao lembrar-se da noite mágica que havia

passado com o estranho. Tudo não se passou de uma grande mentira: ele realmente não era boa pessoa. Pensou que não deveria ter aceitado conhecer os fundos da casa. Ele a machucou, como previra. Não fisicamente, mas emocionalmente.

E a dor era cem vezes pior.

Quando chegou a sua casa, percebeu que um dos sapatos desconfortáveis havia ficado em algum lugar: ou no belo campo para o qual o

desconhecido a levar, ou no salão em que ocorrera a festa. Abigail estava na cozinha esquentando o café e não fez nenhuma pergunta. O lado positivo de Abigail era que ela, assim como Hudson, não a obrigava a falar. E, por se tratar de uma festa para jovens, certamente esperava que a enteada chegasse durante a madrugada e não à meia-noite, como recomendara.

Jogou-se na cama com o vestido da noite anterior e fechou os olhos, até que ouviu três toques suaves na porta e levantou-se para receber Abigail.

— Trouxe café. — ela disse, estendendo uma caneca. Como foi a festa?

— Não foi tão ruim.

— Você e Allie conversaram?
Despediram-se, eu quero dizer. Ela vai embora esta semana.

Cindy contou *tudo* a Abigail. Começando pelo bêbado que derrubou cerveja em seu vestido, a mulher de longas pernas que brigou com ela por ter pisado em seu pé e, por último, sobre o homem lindo com o qual passara horas conversando, beijando e fazendo amor.

Percebeu o olhar espantado da madrastra com a revelação da perda da virgindade, mas Abigail era muito discreta para comentar algo constrangedor. Apenas aconselhou sua ida ao ginecologista — mesmo diante da afirmação que o estranho havia usado

proteção.

Durante a tarde, saiu pela cidade na vã esperança de esbarrar com o desconhecido e questionar o porquê de tê-la abandonado naquele campo, sozinha e sentindo-se usada. No entanto, não havia nada dele por Taunton. Era como se fosse um fruto da imaginação fértil de Cindy, pois nem mesmo Alyssa se lembrava de algum homem com aquelas poucas características.

Depois de três dias, desistiu.

Um mês...

Dois meses...

Três meses...

Capítulo QUATRO



Nos três meses posteriores ao aniversário que compareceu em Taunton, Nathan Miller se encontrava distraído. Quando não estava em reunião na empresa que comandava, procurava formas de encontrar C. O noivado com Jessica, que mantinha há quase dois anos, fora

rompido no mesmo dia em que chegara à cidade. Não podia continuar com aquele compromisso, visto que a havia traído e se sentia atraído por outra mulher: não era justo com Jéssica; não era justo com ele e, menos ainda, com C.

Havia procurado pela garota mascarada por todos os lugares da cidade, mas, a única informação válida que obteve em 90 dias, foi que ela partira para Londres. C. estava na mesma cidade que ele, o que representava uma chance de esbarrar com ela no metrô, numa esquina, no teatro ou em algum parque. *Mas como a reconheceria?* Bem, havia um sapato...

Se ele a procurasse, ocorreria como no conto da Cinderela?

Não sabia. Apenas notava que o tempo passava e que ele precisava agir, e logo.

Numa tarde de segunda-feira, a decisão foi tomada. E se aquela era a sua última chance de encontrá-la entre os milhões de habitantes de Londres, ele seguiria adiante com o plano. Ainda que se tornasse chacota de seu cunhado...

CINDERELA DO SÉCULO

XXI

Na manhã desta sexta-feira, um anúncio de jornal causou um frisson entre nossas garotas de dezenove e vinte anos: o famoso empresário Nathan Miller está à procura de sua Cinderela. Miller relata que, ao comparecer a uma festa, no mês de junho, conheceu-a. Ele não sabe o seu nome, apenas a inicial dele, que é a letra “C”; tem 19 anos (ou talvez já tenha completado 20), mora em Taunton e está em algum lugar de Londres. Como na história da Cinderela, tudo o que o príncipe – ou melhor,

*Nathan – tem da garota é um sapato.
Acalmem-se, garotas: não é de cristal!*

O gato está à procura dessa moça; então, se você for a dona desse sapatinho, por favor, apareça. Estamos muito ansiosos para o desfecho desta história!

Cindy havia acabado de sair da biblioteca da universidade quando decidira passar em uma banquinha de jornal que havia nas proximidades. Enquanto procurava uma revista de palavras cruzadas, a manchete de uma revista adolescente chamou a sua atenção: *Cinderela do século XXI*. O título em si era chamativo, mas o que a fez pedir ao vendedor a tal revista foi o

sapato estampado na capa: o *seu* sapato, que estivera perdido desde a noite do aniversário de Alyssa, há mais de três meses. O vendedor entregou a revista e ela folheou-a até encontrar a página em que havia a matéria completa.

A foto do homem, Nathan Miller, atraina-a como se fosse o canto de uma sereia. Aqueles olhos... aqueles olhos verdes como duas pedras de jade! Os mesmos olhos do homem com quem passara uma noite mágica sob a luz das estrelas... Ao ler o texto que relatava sobre o quanto aquele empresário procurava pela dona do sapatinho, deixou a revista cair ao chão.

Não poderia ser!

Capítulo CINCO



— Preciso de um conselho de mãe! — Cindy disse a Abigail, quando a madraستا atendeu a ligação. — Você se lembra do aniversário de Aly? Aquele em que você me obrigou a ir, quando o papai estava acamado? E quando eu cheguei te enchi com os meus dramas adolescentes?

Bem, eu estou passando por um drama ainda maior, Abigail! Por que quando a gente se esquece de uma pessoa, o fantasma dela sempre volta para nos assombrar? Eu já tinha superado!

Cindy disse tudo num fôlego só. Do outro lado da linha, Abigail lutava para compreender o que a enteada dizia.

— Cindy, meu anjo, fale um pouco mais devagar, se quiser que eu entenda. Mas, se me quiser apenas como uma ouvinte, por favor, continue.

— Desculpe-me, mas eu estou realmente confusa! Você nem imagina o que aconteceu, nesta tarde! Quer dizer, ainda não aconteceu. Para acontecer ou não, depende apenas da minha decisão.

— Não entendo...

— “Ele”! Você se lembra de quem “ele” é, não se lembra?! E tem o meu sapato, aquele que eu perdi em algum momento da festa! Abigail, você nem imagina com *quem* o meu sapato está!

— Cindy...

— E estão dizendo que ele quer me encontrar! Depois de três meses! E eu que passei os meus últimos dias em Taunton procurando por pistas sobre o paradeiro dele, e nada! E, agora, depois desse tempo todo, ele vem me procurar? Como ele ousa?!

— Cindy...

— Eu realmente estou confusa, Abigail! Uma parte de mim quer que eu corra para os braços dele imediatamente, agora que tenho provas de que eu não imaginei aquela noite. No entanto, o meu lado racional quer que eu continue a minha vida, exatamente como ela era antes de eu ler a maldita revista. Por que eu precisava mesmo tanto daquele caça palavras? Por quê?! E agora eu estou nesse redemoinho de sentimentos. E sabe o que é pior? Antes eu não sabia o nome dele e, de seu rosto, eu “conhecia” apenas os olhos e os lábios, finos e rosados. Agora, Gail, eu sei que ele se chama Nathan Miller e é empresário! Também pesquisei o nome dele no Google e, neste momento, estou fitando seu rosto, livre de

máscaras. Como ele é lindo!

— Cindy... — Abigail tentou novamente, mas Cindy a interrompeu, continuando seu vômito verbal.

— Abigail, o que você acha que eu devo fazer? Eu devo encontrá-lo? Descobri, através do Google, o endereço da empresa dele. E, se decidir encontrá-lo, devo levar ou não o sapato? Ajude-me! Preciso de uma luz!

— Largue o telefone agora mesmo, Cindy, e vá procurá-lo! É o que você quer, pare de enganar a si mesma!

Capítulo SEIS



Deitada em sua cama, no dormitório estudantil da universidade, conseguia ouvir o som da chuva. Não conseguira pregar os olhos durante a madrugada, pois ponderava o que deveria fazer em relação a Nathan. Ele fora quem a havia abandonado no campo, então ele era quem deveria vir encontrá-la e lhe implorar por seu perdão, não ela, que

sofrera durante três meses e duvidara da própria sanidade ao não encontrar nada sobre ele.

Havia um e-mail no site da empresa, justamente para o qual ela endereçou a mensagem juntamente a um anexo de uma foto do outro pé do sapato.

N.,

*Quem te envia este e-mail é
Cindy, a C.*

*Eu sou a dona do sapato que
está em suas mãos. Por favor, me
devolva!*

*O endereço para a devolução é:
Albany Street, dormitório Melia White*

House, apartamento 36.

Obrigada!

Nathan havia acabado de chegar de uma rápida viagem de negócios a Liverpool quando sua secretária o chamou com urgência para checar um e-mail. Após lê-lo umas trinta vezes, decidiu ir àquele dormitório. Chloe tentou impedi-lo, alertando-o de que o e-mail poderia ser uma farsa para tentativa de uma emboscada. Mas, obstinado como estava, ninguém seria capaz de convencê-lo a desistir.

Guiou o Jaguar pelas ruas de Londres até estacionar em frente ao

dormitório estudantil Melia White. Procurou na recepção se havia alguma moradora chamada “Cindy”, ao que recebeu como resposta: “Não pensei que a visita pela qual ela tanto fosse aparecer tão depressa!”

Em frente à porta do apartamento 36, sentia-se nervoso como nunca. Quase desabou quando avistou Cindy.

— C.?! — Foi o que conseguiu murmurar.

Ela usava um short curto e blusa de mangas longas, gola rolê e, nos pés, pantufas. Os cabelos louros, ao contrário da última vez em que a vira, estavam presos em um coque no alto da cabeça.

Não havia maquiagem para embelezar suas faces, nem máscara para impedi-lo de contemplar seu rosto.

— Cindy. Meu nome é Cindy. — respondeu na defensiva, cruzando os braços. — E você, quem é?

— Acho que você sabe quem eu sou... *Cindy*.

— Nathan? — ela ergueu as sobrancelhas, petulante.

— Será que demorei o bastante para você se esquecer de mim? — ele deu um passo para frente, fazendo Cindy supor que ele entraria no dormitório. Nathan ergueu uma mão na direção do rosto de Cindy, como que para tocar suas

bochechas, mas desistiu.

— É bem provável que sim.
Trouxe o meu sapato?

— Você não costumava ser tão amarga, C.

— Eu não costumava ser muitas coisas que sou agora. Mas a nossa realidade é outra, *Nathan*. Você sabe meu nome, eu sei o seu. Não precisa me chamar de “C”.

— Eu gosto de chamá-la de C.,
minha querida.

— Eu não sou a *sua querida!*

Nathan inspirou e expirou,
dizendo gentilmente:

— Deixe-me entrar e vamos conversar civilizadamente, Cindy. Tudo bem? Não precisamos de plateia.

Um pouco relutante, Cindy cedeu. Precisavam conversar antes de por um ponto final àquela história. Permitiu que Nathan entrasse — não só em seu dormitório, mas também em sua vida — e ele ficou um pouco deslocado com a simplicidade do local. Ofereceu uma cadeira para que se sentasse e pediu licença para buscar um *pufe* no quarto. Sentou-se a uma distância considerável de Nathan.

Nathan disse a Cindy que a deixou no começo da manhã porque ouvira passos de alguém naquela direção.

Para não correr o risco de expô-la aos olhos de algum morador, decidira despistá-lo. No entanto, demorou tempo demais, e, quando voltou, ela já havia partido. Assim sendo, retornou a Londres e rompeu o noivado — o motivo pelo qual não podia revelar seu nome, local em que morava ou simplesmente suspender a máscara.

— Eu passei a semana inteira procurando por você...

— E nunca iria me encontrar, infelizmente. Aquela foi a primeira vez que estive em Taunton. Se eu soubesse o seu nome, Cindy, teria ido procurá-la assim que aquele homem estivesse longe o bastante.

— E os dois meses seguintes?

— Continuei a procurá-la como podia. Cogitei contratar um detetive, mas desisti da ideia no mesmo instante em que a tive. Quando voltei a Taunton, descobri, por meio de um morador, que você viajara para Londres. Estávamos tão perto... tão perto de nos esbarrarmos por acaso em algum lugar da cidade!

— Aquela noite... — Cindy disse, soluçando — eu nunca esqueci.

Nathan se levantou e caminhou até o outro lado da sala, ajoelhando-se para igualar sua altura à de Cindy. Gentilmente ele levou os dedos ao rosto da garota, acariciando-o levemente.

— Eu também não. Desde aquela noite, você não sai dos meus pensamentos. Talvez haja um feitiço bem aqui — tocou os lábios dela —, pois mais uma vez estou sendo impelido a beijá-los, mas temo a sua reação. Se eu beijá-la, fugirá de mim?

Sem poder responder com lágrimas deslizando por seu rosto, balançou a cabeça negativamente. E então, como em câmera lenta, as mãos de Nathan deslizaram pelas faces de Cindy, trazendo-a para mais perto e beijando-a. Foi um beijo com sabor de saudade.

— Você vai ficar?

— Vou.

— Então me prometa que não vai me abandonar outra vez.

— Eu prometo. Ficarei com você, se você quiser, para sempre, Cindy.

— Para sempre?

— Você é a minha *Cinderela*, é claro que ficaremos juntos! Eu prometo.

E a promessa foi selada com mais um beijo.

Se a magia do conto de fadas realmente estivesse acontecendo na vida de Cindy e Nathan, quando os lábios deles se tocassem a frase “e eles foram felizes para sempre” apareceria no canto da tela. Como era real, lutariam dia após dia para

fazer aquele relacionamento durar pela vida inteira. O ingrediente especial - o amor-, eles já tinham.

Não faltava mais nada.

CONTATO:

E-mail: doors806@gmail.com

Facebook:

facebook.com/AnnieKartch

